

## O álbum de fotografias em tempos de pandemia e isolamento social

Anna Carla Almeida Mariz

Roberta Pinto Medeiros

**Como citar:** MARIZ, A. C. A.; MEDEIROS, R. P. O álbum de fotografias em tempos de pandemia e isolamento social *In* : MADIO. T. C. C.; MACHADO, B. H.; BIZELLO, M. L.(org.). **Desafios na identificação e organização de fotografia**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2022. p. 161-180. DOI: <https://doi.org/10.36311/2022.978-65-5954-277-2.p161-180>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

# O ÁLBUM DE FOTOGRAFIAS EM TEMPOS DE PANDEMIA E ISOLAMENTO SOCIAL

*Anna Carla Almeida MARIZ*<sup>1</sup>

*Roberta Pinto MEDEIROS*<sup>2</sup>

## INTRODUÇÃO

O ano de 2020 mal começou, e a humanidade já teve que enfrentar diversos desafios, com a chegada da pandemia da COVID-19. Um dos principais, é o isolamento social, ou seja, manter uma distância mínima entre as pessoas, não abraçar, não beijar e evitar apertos de mãos<sup>3</sup>. O isolamento social tem como principal finalidade evitar a propagação da doença, logo reduz a incidência de infecções, já que a aproximação entre as pessoas é o suficiente para o contágio do vírus. O ano de 2020 foi atípico. Um ano difícil, que trouxe diversas discussões no campo social e econômico em nível mundial, entre outros debates.

---

<sup>1</sup> Departamento de Arquivologia/Arquivologia/UNIRIO/Rio de Janeiro/RJ/Brasil/annacarla@unirio.br.

<sup>2</sup> Curso de Arquivologia/FURG/Rio Grande/RS/Brasil/roberta.furg@gmail.com.

<sup>3</sup> Conforme as recomendações de prevenção à COVID-19 no website do Governo Federal do Brasil: <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca#como-se-proteger>.

Pensando no isolamento social e nas demandas relacionadas com o trabalho remoto, as autoras perceberam a necessidade de pesquisar sobre o álbum de fotografias, para aproveitar que a maioria das pessoas estaria em casa, surgindo assim a possibilidade de manusear álbuns de fotografias e reviver emoções, o que seria bastante oportuno, já que a recordação é uma das características predominantes de fotografias artísticas. Nesse sentido, o tema desta pesquisa é compreender se as pessoas, em isolamento social durante a pandemia da COVID-19, no Brasil, em 2020, recorreram a esta possibilidade, e qual a função que as fotografias tiveram neste cenário.

A fotografia, por si só, tem um poder simbólico de evocar lembranças. Além disso, contribui para a rememoração de fatos, não apenas para evidenciar que algo aconteceu, mas também para fazer, muitas vezes, com que as pessoas recordem de situações que aconteceram no passado. É o álbum de fotografias possui um propósito que é, geralmente, recordar de boas lembranças, como a comemoração de aniversários, o nascimento dos filhos, as férias na praia, ou em outro lugar, alguma conquista, entre tantos outros fatos que podem ser registrados numa imagem fotográfica. Entendemos, já que o álbum de fotografias tem um propósito, que as imagens que constituem esse álbum são previamente selecionadas, reunidas e organizadas de acordo com o objetivo do autor (POSSAMAI, 2007).

Portanto, o objetivo geral desta pesquisa é identificar se as pessoas estão explorando de alguma forma os seus acervos fotográficos familiares, durante o isolamento social, causado pela pandemia de COVID 19. Os objetivos específicos da pesquisa são: examinar quais são e como estão se dando essas atividades (o que estão fazendo e como); levantar as motivações (se tem relação com a memória, como o isolamento social, tempo livre, etc.); verificar se as atividades com os acervos fotográficos estão colaborando para um melhor enfrentamento do isolamento social.

Para isso, do ponto de vista da metodologia, a pesquisa caracteriza-se como exploratória, já que se aprofunda num tema específico. Quanto à forma de abordagem, apresenta-se como uma pesquisa qualitativa e quantitativa, ou seja, o foco é conhecer uma realidade por meio de levantamento de dados e analisá-los com a teoria, utilizando-se inclusive, de recursos estatísticos, como gráficos (MENEZES; SILVA, 2005).

Esta pesquisa está estruturada da seguinte maneira: a seguir a esta introdução, apresenta-se a fundamentação teórica com autores que abordam a fotografia ou discutem sobre a mensagem fotográfica; a análise e os resultados da pesquisa; a apresentação de um caso, como contribuição para as reflexões sobre o assunto; e, por fim, apresentam-se as considerações finais.

## **O ÁLBUM DE FOTOGRAFIAS: RECORDAÇÕES EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL**

A história da fotografia é abordada de diferentes maneiras, por diferentes autores. Foi inventada por Daguerre, em 1839. Conforme Andrade (2004):

A fotografia nasce do anseio por uma representação mecânica, supostamente mais objetiva, da realidade visual. Suas origens no ambiente positivista da Europa do século XIX, onde atuaram quase todos os seus precursores, que utilizavam a *câmara obscura* e a *câmara lúcida* para copiar o que viam, têm sido intensamente pesquisadas e discutidas em décadas recentes. (ANDRADE, 2004, p. 1, grifo do autor).

Nas diferentes maneiras de enquadrar o objeto, percebe-se que o fotógrafo faz escolhas de acordo com o que deseja “mostrar” ao espectador da foto. Mesmo assim, a imagem é por si interpretável pelo espectador, oportunizando que ocorra uma leitura que não era esperada quando o fotógrafo registrou a imagem.

Logo, a fotografia tem o poder natural e inquietante de evocar o passado, de ressuscitar lembranças, mas não na sua totalidade, e sim, apenas fragmentos de eventos ou acontecimentos. Natural porque a imagem realmente consegue trazer à tona lembranças, e essa relação inquietante *versus* natural pode ser reduzida a um resultado que é o registro da imagem, ou seja, a fotografia.

Alguns autores defendem a ideia de que a imagem evoca o passado, e outros discordam ou delimitam outra linha, ou seja, que a imagem

fotográfica faz a rememoração de fatos, acontecimentos, sentimentos, por meio da leitura da imagem. Neste sentido, a maneira como o espectador da fotografia visualiza a imagem trará como resultado lembranças e sentimentos diferentes, podendo ser confundidos com a evocação do passado, mesmo que o passado já tenha acontecido (MEDEIROS, 2015), ou seja, “[...] a fotografia é, de várias maneiras, uma aquisição.” (SONTAG, 2004, p. 172). Dessa forma, empregando um adjetivo metafórico, “[...] a fotografia seria, assim, um dispositivo munido de poder misterioso e divino de ressuscitar simbolicamente os mortos, de autorizar a volta dos corpos da morte para a vida [...]” (ROUILLÉ, 2009, p. 211).

Portanto, potencialmente, a fotografia é um objeto de rememoração do qual a pessoa pode se utilizar para lembrar-se de fatos marcantes ou não. Ou seja, a fotografia está associada a fatos e acontecimentos e é por meio desses registros de fatos que o indivíduo consegue lembrar de que aquele fato realmente aconteceu. Talvez, seja esse um dos motivos de as pessoas tirarem fotos, sabendo que a memória não possui a capacidade de guardar tudo e que alguns fatos serão esquecidos ao longo do tempo e, com o passar dos anos, este artefato pode ajudar a fixar fases e momentos da vida (MEDEIROS, 2015). Sendo assim, pode-se inferir que, segundo Rouillé (2009):

[...] a imagem fotográfica torna-se, de certa maneira, a encarnação de uma memória voluntária, a que vai de um presente atual a um presente que “foi”, que opera no presente vivo da ação, que tenta recompor o passado por meio da sucessão desses presentes suspensos, fixos, paralisados, entorpecidos, etc. que são os instantâneos. (ROUILLÉ, 2009, p. 221).

Conforme a autora Susan Sontag (2004), “[...] não é a realidade que as fotos tornam imediatamente acessível, mas sim as imagens. Por exemplo, hoje todos os adultos podem saber com exatidão como eles, seus pais e seus avós eram quando crianças.” (SONTAG, 2004, p. 181). Essa afirmação auxilia na confirmação de que imagens fotográficas podem, sim, servir de evidência de algo que ocorreu no passado. Neste trabalho, a fotografia está atrelada ao ato de lembrar. Ainda, citando a mesma autora:

No mundo real, algo *está* acontecendo e ninguém sabe o que *vai* acontecer. No mundo-imagem, aquilo *aconteceu* e sempre *acontecerá* daquela maneira. [...] Pois imagens fotográficas tendem a subtrair o sentimento de algo que experimentamos em primeira mão, e os sentimentos que elas despertam, em larga medida, não são os mesmos que temos na vida real. (SONTAG, 2004, p. 184).

A fotografia tem, entre outras, uma função de registro, registrar algo que se quer reter. Os motivos de se preservar estes registros são basicamente dois: memória e informação. Memória para lembrar fatos passados, por pessoas que vivenciaram esses fatos. Informação para transmitir a pessoas que não viveram, que não têm conhecimento deles. Assim, ocupam um importante lugar na vida das pessoas e das famílias, seja quando as pessoas veem a si mesmas em outras épocas, seja quando tomam conhecimento dos fatos que não presenciaram, por meio deste testemunho visual. Rever as fotografias é um exercício de reviver e de dialogar com o passado.

Desde a sua invenção, a fotografia vem sendo usada para registrar amplamente a vida e as atividades das pessoas. As pessoas que têm acesso a registros dos seus antepassados que não conheceram, por exemplo, vão passar a saber sobre a história da família e, portanto, delas próprias. Preservar as fotografias é o ponto de partida para a preservação das memórias individuais e conseqüentemente da memória coletiva. Os acervos fotográficos das instituições, em sua maioria, não vão dar conta desta questão, por custodiarem predominantemente acervos que dizem respeito às atividades corporativas.

Comemorar as conquistas de indivíduos tidos como membros da família (e também de outros grupos) é o uso popular mais antigo da fotografia. Durante pelo menos um século a foto de casamento foi uma parte da cerimônia tanto quanto as fórmulas verbais prescritas. As câmeras acompanham a vida da família. Segundo um estudo sociológico feito na França, a maioria das casas tem uma câmera, mas as casas em que há crianças têm uma probabilidade duas vezes maior de ter pelo menos uma câmera, em comparação com as casas sem crianças. Não tirar fotos dos filhos, sobretudo quando pequenos, é sinal de indiferença paterna, assim como não

comparecer à foto de formatura é um gesto de rebeldia juvenil. (SONTAG, 2004, p. 18-19).

Os registros fotográficos têm um impacto diferente dos registros textuais nas pessoas. Eles têm um poder de desencadear emoções, de lembrar de situações vividas, de pessoas que não estão mais presentes, de lugares onde estivemos, ou seja, têm o poder de transportar para lugares e épocas diferentes do momento presente, do momento em que se vê a foto, de fazer reviver situações. Em certos casos as pessoas são capazes até de “sentir” cheiros ou “ouvir” músicas só de olhar para a imagem.

Como afirma Boris Kossoy:

Estamos envolvidos afetivamente com os conteúdos dessas imagens; elas nos dizem respeito e nos mostram como éramos, como eram nossos familiares e amigos. Essas imagens nos levam ao passado numa fração de segundo; nossa imaginação reconstrói a trama dos acontecimentos dos quais fomos personagens em sucessivas épocas e lugares. Através das fotografias reconstituímos nossas trajetórias ao longo da vida: o batismo, a primeira comunhão, os pais e irmãos, os vizinhos, os amores e os olhares, as reuniões e realizações, as sucessivas paisagens, os filhos, os novos amigos, a cada página novos personagens aparecem, enquanto outros desaparecem das páginas do álbum e da vida. Dificilmente nos desligaremos emocionalmente dessas imagens. (KOSSOY, 2018, p. 114-115).

Por este poder de despertar as mais variadas emoções: saudade, tristeza, alegria, felicidade, desencanto, entre muitas outras, manusear as fotografias, seja para organizar, dispor em álbuns, selecionar e eliminar, ou somente para ver (ou rever) é diferente de fazer isso com a maioria dos outros documentos. As pessoas acabam tendo contato com sentimentos, que muitas vezes são difíceis de lidar. E por estarem lidando com situações de algum passado, quer seja mais ou menos distante, os sentimentos mais em tela são os relacionados ao tempo.

Na área da Antropologia das Emoções (REZENDE; COELHO, 2010, p. 66-68), um dos pontos levantados pela análise do sentimento de

saudade é que este fala de uma forma de se relacionar com o passado, que, do ponto de vista subjetivo, pode ser recuperado, revivido, por meio da ação da memória. E não é só com o passado que os sentimentos estabelecem formas de relação, “as conexões entre experiências afetivas e temporalidade abarcam também o futuro e o presente”. A ansiedade e a esperança seriam formas de relação com o futuro, e a angústia e o tédio estariam ligados ao presente. Na angústia, não há futuro, apenas um “presente sem dimensões” (LOURENÇO apud REZENDE; COELHO, 2010, p. 68) e, no tédio, o indivíduo é esmagado por um excesso de realidade. Já nas formas de se relacionar com o futuro, a ansiedade é um desejo pelo porvir e a esperança remete a uma sensação de otimismo.

Como será apresentado a seguir, a maioria destes sentimentos foi mencionada pelos entrevistados. Obtiveram-se muitas respostas sobre saudade, nostalgia (passado), vencer o tédio, diminuir a angústia (presente), além de minimizar a ansiedade e ter esperança (futuro).

## **ANÁLISE DOS DADOS DO FORMULÁRIO**

Para a realização desta pesquisa, optou-se por trabalhar com o modelo de questionário via Formulários Google. Um dos motivos principais: a abrangência territorial, já que a pesquisa tinha interesse em incluir o máximo possível de regiões do Brasil, assim como o maior número de pessoas. O questionário pode ser definido como

uma técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado, etc. (GIL, 2008, p. 121).

Além disso, o uso de questionário possui algumas vantagens (GIL, 2008), como permitir que as pessoas possam responder sem haver, necessariamente, uma identificação, portanto, dando uma liberdade para o anonimato. Outra vantagem do questionário é o tempo disponível em que a pessoa pode responder às questões, isso facilita para o entrevistado.

O questionário da pesquisa ficou disponibilizado pela plataforma do Google por um período de 30 dias, de 20 de setembro a 20 de outubro de 2020. Durante esse período, teve-se um retorno de 350 respostas no total.

O questionário possuía sete perguntas, sendo cinco fechadas e duas abertas. Além dessas perguntas, havia duas opções, de caráter dependente e opcional, relacionadas com as perguntas de número 4 e 7, respectivamente. Caso as alternativas das perguntas não atendessem ao entrevistado, ele mesmo poderia optar por escrever ou complementar sua resposta.

Após a coleta dos dados, inicia-se a análise e a interpretação dos dados. A análise tem por “[...] objetivo organizar e resumir os dados de forma tal que possibilitem o fornecimento de respostas ao problema proposto para investigação.” (GIL, 2008, p. 151). Já a interpretação dos dados, segundo o mesmo autor, “[...] tem como objetivo a procura do sentido mais amplo das respostas, o que é feito mediante sua ligação a outros conhecimentos anteriormente obtidos.” (GIL, 2008). A partir dessas definições de análise e interpretação, deu-se início ao processamento das informações.

A primeira pergunta do questionário indagava sobre a idade dos participantes da pesquisa. Essa questão surgiu para confrontar a ideia de que os mais jovens não possuem álbuns de fotografias impressas e, talvez, não organizem ou selecionam as fotografias digitais em seus drives ou memória dos smartphones. Das 350 respostas, a idade de menor valor foi de 16 anos e a idade maior foi de 85 anos. Ainda, quatro responderam como cidade e não idade, e uma resposta foi considerada inválida. Portanto, excluindo essas cinco respostas inválidas, sobraram 345 respostas da pergunta número 1 para serem analisadas e interpretadas. Em se tratando de um grande número de respostas, fragmentaram-se as respostas em quatro grupos, ou seja, estabeleceu-se a seguinte divisão para a computação dos dados: grupo 1 — 15-30 anos; grupo 2 — 31-50 anos; grupo 3 — 51-70 anos; e grupo 4 — 71-90 anos.

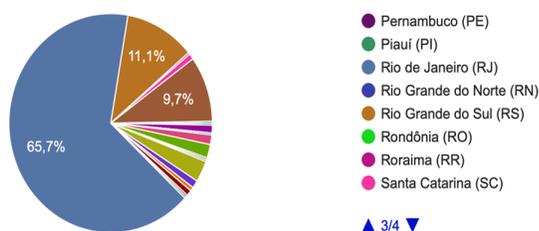
Analisando as respostas dos grupos, chegou-se aos seguintes resultados: grupo 1 — 55 respostas (15,71%); grupo 2 — 181 respostas (51,71%); grupo 3 — 103 respostas (29,42%); e grupo 4 — sete respostas (2%). Infere-se que os grupos 2 e 3, os de maior número de entrevistados

— pois são considerados como a população economicamente ativa, segundo dados do IBGE, censo demográfico de 2010<sup>4</sup> —, estavam em isolamento social, em virtude da pandemia, portanto puderam rever ou organizar seus álbuns de fotografias, sejam elas impressas ou digitais (drives/smartphones), conforme poderá ser confirmado por meio da análise dos dados da pergunta de número 3.

Já a pergunta seguinte, a de número 2, questionava em qual estado do Brasil o entrevistado passou o isolamento social durante a pandemia. Como pode ser visualizado no quadro abaixo (Quadro 1).

Quadro 1: Gráfico da pergunta número 2 do questionário da pesquisa.

2 - Em qual estado você passou o período de isolamento social?  
350 respostas



Fonte: Elaborado pelas autoras (2021).

O estado com o maior retorno foi o Rio de Janeiro, com 230 respostas (65,7%). Seguido do Rio Grande do Sul, com 39 respostas (11,1%); de São Paulo, com 34 respostas (9,7%); e de Minas Gerais, com 11 respostas (3,1%). Em seguida, vêm o estado do Espírito Santo, com sete respostas (2%); o Distrito Federal, com cinco respostas (1,4%); e os estados da Bahia e do Pará, com quatro respostas cada (1,1%). Os Estados do Paraná e de Santa Catarina participam logo depois com três respostas, cada (0,9%); e a Paraíba contribuiu só com duas respostas (0,6%). Apenas com uma resposta cada (0,3%), seguem os estados do Amazonas, Ceará,

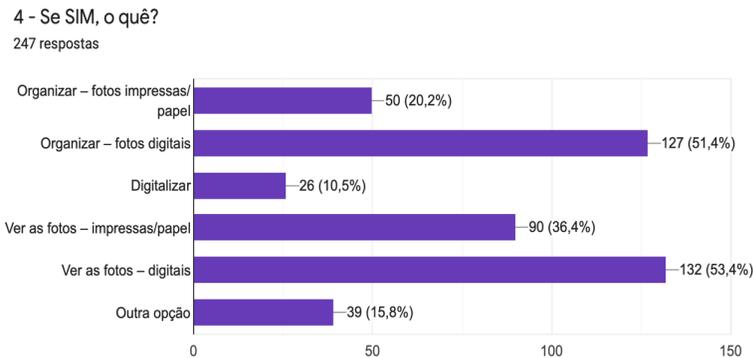
<sup>4</sup> Dados disponíveis no site do IBGE: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv49230.pdf>.

Goiás, Mato Grosso do Sul, Pernambuco, Piauí, Roraima e Tocantins. Os demais estados não participaram da pesquisa.

A pergunta número 3 indagava se a pessoa tinha feito algo com o acervo de fotos durante o tempo de quarentena. Das 350 respostas, 236 responderam que sim, ou seja, 67,4% das pessoas olharam para suas fotos e fizeram alguma ação – organizar, digitalizar, ver as fotos, entre outros. O restante dos entrevistados, os 114 (32,6%), respondeu que não. A próxima pergunta está relacionada ao sim da pergunta de número 3.

A pergunta de número 4 possuía seis opções, sendo que o entrevistado poderia marcar apenas uma delas ou todas elas, logo, obtiveram-se, ao todo, 37 combinações, a partir dessas seis opções. Nessa pergunta do questionário, obtiveram-se 247 respostas, as restantes (103) foram deixadas em branco. O gráfico abaixo (Quadro 2) indica quantas vezes foi marcada determinada opção. Observa-se que as opções “ver as fotos digitais” (53,4%) e “organizar as fotos digitais” (51,4%) foram as mais marcadas pelos entrevistados, seguido de “ver as fotos impressas/papel”, com 36,4% das respostas.

Quadro 2: Gráfico da pergunta número 4 do questionário da pesquisa.



Fonte: Elaborado pelas autoras (2021).

As combinações com o maior número de respostas foram as seguintes, respectivamente: 25 respostas — “organizar fotos digitais e ver as fotos digitais”; e 23 respostas — “ver as fotos impressas” e “ver as fotos digitais”. Percebe-se pelas respostas dessa questão que as fotos digitais tiveram um destaque maior durante o período da pesquisa. Nesse sentido, relacionando a questão 4 com a questão 1, que teve o maior número de respostas dos entrevistados do grupo 2 (31 a 50 anos), compreende-se que as fotos digitais foram as mais vistas e organizadas, pelo fato desse grupo estar em casa durante esse período e pelo fato de não haver uma pré-seleção das fotos digitais, exceto quando o espaço de armazenamento do smartphone está cheio.

Ou seja, é comum encontrar o espaço de armazenamento de smartphones com várias imagens repetidas ou sequenciais de uma determinada pose ou objeto, porém, por se tratar de um álbum bastante específico, a seleção ocorre de acordo com a melhor imagem – a que não está tremida, a melhor luz, ninguém de olhos fechados, entre outros. Isso não aconteceria, por exemplo, num álbum de fotografias impressas em papel, nos quais não existia a possibilidade de retirar tantos retratos, devido ao preço da fotografia, ao tempo de exposição e outros fatores. Corroborando com essa ideia,

Nos últimos anos, vimos a fotografia ressurgir como uma das práticas mais vibrantes das interações interpessoais no contexto da convergência das mídias e do ciberespaço – aqui tratado como esse ambiente de interação proporcionado pela tecnologia da informação (LÉVY, 1999). Quando todos previam sua morte ou, pelo menos, um deslocamento da sua prática para as margens da cultura, a fotografia ressurgiu de suas cinzas em câmeras acopladas em celulares e com a proliferação de inúmeros tipos de *cibershots*, permitindo que qualquer um esteja apto a fotografar a qualquer momento e que haja uma circulação dessas imagens de forma quase imediata. Assim, a fotografia se transforma em um importante instrumento de comunicação, de registro cotidiano, de visualização da existência e de construção identitária. (CRUZ; ARAUJO, 2012, p. 111-112).

A pergunta de número 5 pretendia saber qual o motivo de ter manuseado, de alguma forma, as fotografias. Era uma pergunta aberta, em que o respondente tinha espaço para escrever livremente os motivos. Foram obtidas 224 respostas.

A maior parte das pessoas, 67 respostas (30%), mencionou questões relacionadas à memória. Alguns exemplos: recordações, relembrar momentos vividos, reviver momentos, lembrar pessoas, trazer à memória esperança de dias melhores, partilhar memórias, recordar, reviver momentos felizes, lembrar dos tempos de criança, entre outros. Foram muito citadas as palavras saudade e nostalgia. Alguns exemplos: matar a saudade, saudade da vida normal, saudade dos amigos e parentes, saudade de lugares, pessoas, momentos especiais, saudades de tempos felizes e livres, as fotos nos levam a momentos e pessoas, o que ajuda a viver e matar, mesmo que só um pouco, a saudade. Em segundo lugar, com 41 respostas (18,4%), os assuntos relacionados ao tempo disponível. Alguns exemplos: aproveitar o tempo livre, passatempo, ocupar o tempo ocioso, mais tempo disponível. Algumas falaram que sempre quiseram fazer mas não tinham tempo, outras chegaram a mencionar também o fato de o *home office* poupar o tempo com o trânsito.

Em seguida, com 20 menções (9%), foi apontada a questão da organização de várias maneiras: manutenção da organização, organização dos arquivos, organizar para melhor buscar, localização no futuro, organizar por ano, organização da casa, apagar fotos desnecessárias, separar fotos misturadas. Foram usadas também algumas palavras mais específicas como classificar, identificar, organizar em ordem cronológica, deixar acessível.

Sete pessoas (3,2%) se referiram de várias maneiras a fazer *backup* e ao medo de perder as fotos: segurança, receio de perder fotos digitais que considera importantes, medo de perder recordações importantes, não ter certeza se no futuro as fotografias digitais serão acessadas por outras pessoas. Foi citada inclusive a dúvida sobre a possibilidades de acesso das fotografias digitais no futuro:

“Por não ter certeza se no futuro as fotografias digitais serão acessadas por outras pessoas. Em minha família temos fotografias de tataravós, bisavós etc. que sobreviveram ao longo do tempo

por estarem registradas em suporte papel. Com as fotografias digitais não temos garantia de que as imagens serão recuperadas ou acessadas com a mesma facilidade por outros familiares.”<sup>5</sup>

A pergunta de número 6 questionava se o fato de ter feito algo com as fotografias ajudou de alguma forma neste momento de isolamento social. Das 236 pessoas que responderam sim na pergunta 3, que fizeram alguma coisa com as fotos, 226 responderam que isso ajudou de alguma forma nesse momento de isolamento social, o que corresponde a 95,8%. Apenas dez responderam que não ajudou (4,2%). A pergunta seguinte era sobre de que forma ajudou.

Na questão sete (Quadro 3) os respondentes podiam marcar mais de uma entre cinco opções. Além das cinco, estava disponível como sexta opção “outros”. A opção mais escolhida foi a de que olhar as fotos os fez recordar bons momentos, com 85,2% (201 respostas), em seguida a opção de “uma forma de estar mais perto daqueles que gosto”, com 47% (111 respostas). “Amenizar a falta que senti de viajar e conhecer novos lugares” veio em terceiro lugar com 32,6% (77 respostas), “fiquei mais feliz e alegre para conseguir aguentar o isolamento” foi a quarta, com 25% (59 respostas) e “melhorou minha autoestima” teve 11,4% (27 respostas). “Outras opções” teve 9,3%, 22 respostas, que foram apontadas na pergunta seguinte.

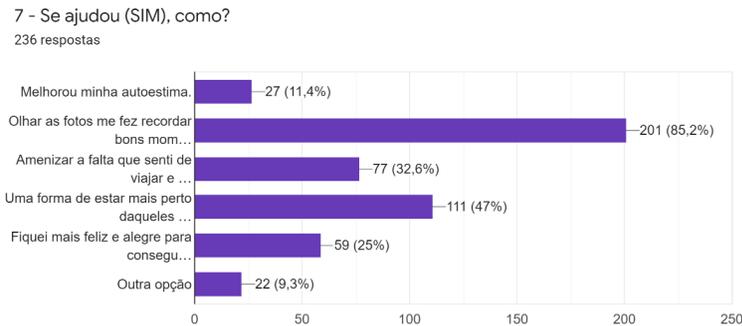
Apesar de 22 pessoas terem marcado na pergunta sete a opção “outros”, foram obtidas 42 respostas no espaço que foi definido para desdobrar essa outra opção. Dessas 42 respostas, nove apontaram a organização como motivação: a organização da casa e a organização das fotos propriamente ditas, relacionadas à possibilidade de se ter o tempo disponível para isso. Exemplos: desejava fazer, mas não tinha tempo; estava pendente há muito tempo. Oito respostas citaram o fato de terem tido tempo: distração, ocupar o tempo, livrar do ócio e do tédio, satisfação em ter tempo para fazer algo que queria fazer e nunca conseguia. Sete respostas foram relacionadas com a nostalgia, diminuir saudade, recordar momentos, sentir emoções agradáveis ao recordar. Cinco respostas

---

<sup>5</sup> Resposta do questionário Google Forms disponível em <https://docs.google.com/forms/d/1kB4XoFjYpI-MzfVBJ69eNijM6LcKcNqMw4o6MciUo/edit> entre os dias 10 de setembro e 20 de outubro de 2021.

apontaram a motivação de ter essas fotografias disponíveis para gerações futuras. As demais demonstraram motivos variados, tais como ter uma atividade, um hobby, compartilhar as fotos com pessoas queridas, ganhar espaço no armário, diminuir a ansiedade, entre outros. Uma das respostas foi de alguém que não fez nada com as fotos, respondeu ‘não’ à pergunta três, e afirmou que “gostaria de ter feito, para me sentir mais conectada com as pessoas”. Conforme pode ser visualizado no quadro abaixo.

Quadro 3: Gráfico da pergunta número 7 do questionário da pesquisa.



Fonte: Elaborado pelas autoras

Vê-se que essa foi uma atividade realizada durante o isolamento social: manusear as fotografias de alguma forma, sejam digitais (maioria), sejam analógicas, para organizar, para apenas olhar, compartilhar com terceiros, etc. As pessoas tiveram mais tempo disponível em suas casas, impedidas de sair, e, de uma forma ou de outra, esta atividade estabeleceu uma certa conexão, consigo mesma ou com o próximo. Gerou algum tipo de prazer, por, afinal, realizar algo desejado, às vezes por muito tempo, e não se tinha tanta possibilidade anteriormente; e pelo próprio efeito que a fotografia causa, como foi apontado em tantas respostas.

## **O EDIFÍCIO PALACE II: UMA EXPERIÊNCIA REAL**

No Rio de Janeiro, em 22 de fevereiro de 1998, duas colunas de um prédio de 22 andares no bairro da Barra da Tijuca (zona oeste) desmoronaram. A Defesa Civil determinou que o prédio fosse implodido no dia 28 de fevereiro e ainda houve um segundo desmoronamento na véspera desta data. O fato foi extremamente impactante, e de muita repercussão na mídia. O prédio havia sido entregue aos moradores pouco tempo antes, e sua destruição causou grande comoção. O incidente resultou em oito mortos e mais de 120 famílias desabrigadas. Os moradores perderam quase todos os bens, documentos, fotografias, objetos afetivos, registros das suas histórias.

Na semana seguinte, as duas revistas semanais locais — a revista Domingo, encarte do Jornal do Brasil; e a Veja Rio, encarte da revista Veja —, tiveram o Palace II como reportagem de capa, abordando o drama das famílias. Desde não ter onde ficar e o que vestir, até perder bens e todos os documentos. A capa da revista Domingo era uma foto amassada em meio aos escombros, a foto de uma criança. Muitas pessoas sobreviventes foram entrevistadas e os repórteres Cilene Guedes e Renato Lemos levantaram também outros casos de pessoas que passaram por perdas semelhantes, por outros motivos, tais como incêndios e enchentes. Chamavam atenção de que toda casa guarda lembranças, sendo um armazém de memórias. Afirmavam que os habitantes não estavam chorando a perda de itens caros, mas estariam enlutados por “bugigangas, brinquedos, fotografias”. Citam João, que perdeu tudo, mas lamenta por coisas bobas e pequenas. No meio dos escombros, encontrou os álbuns de família, com os olhos cheios d’água: “estavam intactos”. Comemorou e mostrou a todos que estavam por perto.

Reproduzem a fala de Sérgio, um outro morador:

“Logo que o prédio foi implodido, fomos ver como ficaram os escombros. Dava para ver minha casa quase toda. Era a cobertura, estava por cima de tudo, em pedaços. É estranho, mas a primeira coisa que vi foi o álbum do meu filho Vitor Hugo. Meu irmão não se conteve e puxou o álbum. Com as fotos nas mãos, choramos todos abraçados: eu, minha mulher, meu pai, meu irmão e meu filho. Tivemos certeza de que, a partir daí, dessas fotos, nossas vidas poderiam ser reconstituídas”.

Os repórteres, testemunhando o poder que a fotografia tem de transportar as pessoas para o momento retratado, afirmam que, de uma hora para outra, Sérgio “já não está mais ali”. Que ele não vê só a superfície das fotos, ele “entra nelas. Tem uma foto [...], essa felicidade volta sempre que olhamos para a foto, é a essência da nossa vida que a gente vai carregar sempre.” (ALMEIDA; SÉRGIO apud GUEDES; LEMOS, 1998, p. 24).

O terapeuta de família Moisés Groisman, entrevistado para a matéria, afirma: “[...] esses pequenos objetos são a porta de entrada que leva à história das pessoas dentro de suas famílias. Quando as pessoas os recuperam, é como se aquela história toda estivesse recomposta.” (GUEDES; LEMOS, 1998, p. 24).

A cineasta Tizuka Yamazaki teve sua casa soterrada pela lama, depois de um temporal de verão, também no Rio de Janeiro, e conta que foi criticada quando começou a se lamentar pela perda das fotos das crianças. Ela afirma que reconstruiu a casa, mas as perdas que mais lamenta são as que ela não teve como repor (GUEDES; LEMOS, 1998, p. 25).

Moisés Groisman (apud GUEDES; LEMOS, 1998, p. 26) acrescenta: “[...] quando a gente vê a imagem de alguém que morreu, por uma fração de segundo, acredita que a pessoa ainda está viva. Para pessoas que perdem essas imagens, é como se seus queridos tivessem morrido de novo, definitivamente.”.

A outra revista, a *Veja Rio*, deteve-se mais nas dificuldades que as pessoas teriam de refazer a vida sem nenhum documento: escritura do imóvel, carteira de identidade, de motorista, diplomas, carteira profissional, título de eleitor e vários outros. Assim, foi instalado, em um shopping da Barra da Tijuca, um posto para que os moradores tirassem a segunda via de seus documentos, em um tempo reduzido. Uma das entrevistadas afirmou: “[...] é bom recuperar os documentos, mas há perdas irreparáveis. Eu adorava colecionar fotografias. Agora, ficou tudo lá embaixo.” (ALVARENGA; CARNEIRO, 1998, p. 9).

O acontecimento foi tão inusitado, resultou em tantos desdobramentos, eram tantas implicações, desde investigação sobre as causas do desabamento, determinar responsáveis, ações na justiça (muitas

sem solução por mais de vinte anos), até decisões práticas para famílias que não tinham onde morar e o que vestir. Havia também a perda dos bens, seja o próprio imóvel ou o que estava dentro dele.

No entanto, o que chama a atenção é o que aqueles entrevistados apontam: os bens que não têm valor financeiro, mas sim afetivos. E as fotografias são muito citadas neste cenário. Cabe lembrar que o ano é 1998, quando as fotografias ainda eram processadas quimicamente em laboratórios e fixadas em papel emulsionado. Era comum que as pessoas montassem álbuns ou apenas acondicionassem as fotos nos álbuns fornecidos pelos laboratórios – junto com os negativos, que poderiam permitir a reprodução daquelas mesmas fotos novamente. Ou seja, perderam-se as fotos e os negativos, sem chances de reprodução. Foram pessoas que perderam fotos, em alguns casos de toda a infância dos filhos, ou álbuns de casamento, por exemplo.

Naquele primeiro momento, eram essas as perdas que as pessoas lamentavam mais, o que pode ser surpreendente, mas muito representativo do valor destes acervos para as pessoas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A fotografia tem sido usada amplamente para registrar a experiência humana, desde a sua invenção. Por sua linguagem visual, tem um papel próprio na formação da memória, já que a imagem permite às pessoas ter um contato diferenciado com a informação e uma outra forma de interpretação, que dificilmente seria conseguido por meio de palavras. Graças a essa possibilidade de evocar o passado através da imagem, conquistou um lugar no afetivo e no cotidiano das famílias.

A pesquisa realizada permitiu, a partir da análise do questionário, identificar algumas das atividades que as pessoas em isolamento social estão fazendo durante a pandemia da COVID-19, sendo uma delas rever os álbuns de fotografias, tanto impressos como digitais. E, de certa forma, essa atividade contribuiu para aliviar este isolamento, conforme pode ser visto nos resultados da pesquisa. Os respondentes alegaram, como motivos

para realizar estas atividades, o fato de terem tempo disponível aliado às emoções despertadas pelas fotografias.

Nesse sentido, destaca-se que a existência da relação entre fotografia e recordação, ou rememoração, ficou bastante evidente a partir da análise dos dados da pesquisa. Conforme pode ser visto nas respostas da pergunta de número 5, quando os entrevistados, na sua maioria, fizeram a relação da fotografia com a memória, ao responderem com palavras ou expressões que possuem aproximadamente o mesmo significado, como recordação, relembrar, reviver, lembrar, entre outros.

Importante ressaltar que o exemplo do que ocorreu na cidade do Rio Janeiro, o caso do edifício Palace II, em 1998, demonstrou que as pessoas se baseiam em fontes de memória para a construção da sua própria memória e identidade. Para isso, especificamente nesse exemplo, o que mais se sobressaltou nas entrevistas foi a perda das fotografias, ou seja, a sensação de perda do passado, a impossibilidade de construir um futuro depois da tragédia, já que não teriam no que se apoiar, como alguns dos entrevistados do edifício relataram.

Certamente, a relação entre fotografia e memória tem a possibilidade de atingir os mais diferentes níveis de fenômenos sociais e, principalmente, pessoais, e implica fortemente no contexto em que se inserem, ou seja, podendo ou não modificar o ambiente social ou pessoal, sendo, portanto, agente ativo na sociedade. Os acontecimentos passam, somem no tempo, deixam de existir, e as fotografias são uma das maneiras de diálogo com o passado. Um caminho para a construção e preservação da memória ligada aos comportamentos e ao cotidiano das pessoas.

## **REFERÊNCIAS**

ALVARENGA, Telma; CARNEIRO, Marcelo. Em busca da identidade perdida: como os moradores do Palace II estão se preparando para refazer a vida. **Veja Rio**, a. 8, n. 10, 11 de março de 1998. Parte integrante da *Veja* ano 31, n.10

ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de. **História da fotorreportagem no Brasil: a fotografia na imprensa do Rio de Janeiro de 1839 a 1900**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

BARTHES, Roland. A mensagem fotográfica. *In*: COSTA LIMA, Luiz (org.) **Teoria da Cultura de Massa**. São Paulo: Paz e Terra, 2000, p. 16-23.

CRUZ, N. V; ARAUJO, C. L. Imagens de um sujeito em devir: autorretrato em rede. **Galaxia** (São Paulo, *Online*), n. 23, p. 111-124, jun. 2012.

GUEDES, Cilene; LEMOS, Renato. A vida em cacos: desabrigados do edifício Palace II buscam em pequenos objetos de valor afetivo a força para o recomeço. *Revista Domingo*. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro: ano 22, n. 1140, 8 mar. 1998.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. 5. ed. São Paulo: Ateliê editorial, 2018.

MEDEIROS, Roberta Pinto. **Fotojornalismo e memória no Prêmio Direitos Humanos de Jornalismo (1984-1990) – Movimento de Justiça e Direitos Humanos (MJDH)**. 2015. 124 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

POSSAMAI, Zita Rosane. Olhar passageiro: um álbum de fotografias entre memória, esquecimento e imaginário. **Revista História Unisinos**, São Leopoldo, n. 11, v. 3, p. 330-341, 2007.

REZENDE, Claudia; BARCELLOS, Maria Claudia Coelho. **Antropologia das emoções**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010. 136 p. (Coleção FGV de bolso. Série Sociedade & Cultura).

ROUILLÉ, André. **A fotografia entre documento e arte contemporânea**. São Paulo: Editora Senac, 2009.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

